

Raúl

Brandão

O GEBO E A SOMBRA

DRAMA

com um prefácio
de

CÂMARA REYS

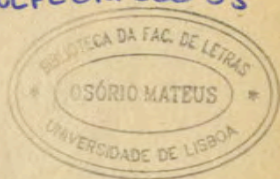
CON
TRA
PONTO

RAUL BRANDÃO

O GEBO E A SOMBRA

DRAMA

ULFLON 000 55



Prefácio

de

Câmara Reys

CON
TRA
PONTO



Raúl Brandão

Esta peça foi posta em cena, no Teatro Avenida,
de Lisboa, pela Companhia do "Teatro de Sempre",
subsidiada pelo Fundo de Teatro, em 5 de Dezembro
de 1958, com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

| | |
|---|---------------------------|
| O GEBO, cobrador da Companhia Auxiliar | <i>Rogério Paulo</i> |
| DOROTEIA, mulher do Gebo | <i>Adelina Campos</i> |
| JOÃO, filho do Gebo e de Doroteia | <i>Mário Pereira</i> |
| SOFIA, mulher de João | <i>Carmen Dolores</i> |
| CHAMIÇO, músico de feira | <i>Alberto Ghira</i> |
| CANDIDINHA | <i>Beatriz de Almeida</i> |

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA PORTUGUESA, LDA.
Rua de Pascoal de Melo, 55
LISBOA

O GEBO E A SOMBRA

PRIMEIRO ACTO

Casa pobre com janelas e duas portas ao fundo, uma para a rua e outra para a cozinha. Mesa com livros de escrituração comercial. Inverno. Cinco horas. Anoitece.

SOFIA e DOROTEIA

SOFIA, *espreitando à janela.*

Não tarda por aí... Já se começam a acender os lampiões da estrada. Pobre velho, há-de vir cheio de frio. Todo o dia à chuva, toda a vida ao tempo... (*Espreita outra vez.*) Não se vê nada para a rua. O café está quente. (*Olha em roda.*) Deixa-me dar mais luz ao candieiro... Ah! a manta velha e os sapatos, senão põe-se aí a ralhar por causa dos sapatos... Há quantos anos faço todos os dias as mesmas coisas! (*Baixinho.*) Há quantos anos! (*Para Doroteia que entra.*) O pai hoje demora-se, estará doente?

DOROTEIA

Agora está! Põe-se para aí a falar com os vizinhos... Tens tudo arranjado?

SOFIA

Tudo.

DOROTEIA

Logo que ele chegue chama-me, ouviste? Hoje traz notícias.

SOFIA

Notícias de quem?

DOROTEIA

Do João, do teu homem, do meu filho. Ficas na mesma! (*Vai a sair.*) A manta velha e os sapatos, não te esqueças...

SOFIA

Já ali estão.

DOROTEIA

Bem.

SOFIA

Tudo está nos seus lugares. Os livros... Nos livros não quer ele que lhe mexam. (*Aproxima-se da janela.*) Tão escuro já!

DOROTEIA, *saindo para a cozinha.*

Ficas na mesma! Não sei que coração é o teu!

SOFIA

Iludida! sempre iludida! Dissessem-te a verdade a ver se choravas tantas lágrimas como eu tenho chorado baixinho, com o cobertor pela cabeça, para que não me ouçam chorar. Nem chorar podemos eu e o velho para que vivas iludida. Ainda ele anda, trabalha, esquece, mas eu fico aqui horas e horas a cismar... (*Apura o ouvido.*) É a sua voz, são os seus passos. Tosse. Fala com alguém. (*Olha em roda para se certificar de que tudo está nos seus lugares, depois sorri e chama.*) Mãe, ele aí vem.

DOROTEIA, *dentro.*

Aí vou, aí vou.

SOFIA

O que ele fala! Com quem virá a falar? (*Para Doroteia.*)
Aí vem o pai. (*Batem.*)

DOROTEIA, *ouvindo bater.*

Aí vou, homem, aí vou. (*Abrindo a porta.*) Escusavas
de bater.

SOFIA, DOROTEIA, GEBO e CHAMIÇO

*Gebo traz uma mala de mão e um rolo de papeis debaixo do
braço. Chamiço, que fica à porta, cumprimenta cerimoniosamente
com o chapéu de palha.*

GEBO

Eu não adivinho, mulher. Então não entra, *seu* Chamiço?

CHAMIÇO, *da porta.*

Hoje não, vizinho. Minhas senhoras . . .

GEBO

Então boa noite e até amanhã. Apareça cedo para o
cavaco.

CHAMIÇO

Tenho agora a orquestra que me dá um trabalho. Só
o bombo! O amigo não sabe o que o bombo me rala . . .
Já não há arte! Boa noite. (*Sai.*)

GEBO, *para fora.*

Está de rachar pedras hein?

CHAMIÇO, *fora*

De morrer.

GEBO, *fecha a porta e beija as mulheres.*

Venho com um frio! . . .

DOROTEIA

Já sei, já sei, entendo-te à légua . . .

SOFIA

Está ao lume para se conservar quentinho.

GEBO

Não que este ano sempre tem feito um frio! Só me lembro dum ano assim há-de haver . . . Ora espera . . . há-de haver . . .

SOFIA

Tire as botas, aqui tem os chinelos.

DOROTEIA

E então, viste-o?

GEBO, *sem se recordar.*

Anh! Vi-o? . . . Vi-o quem?

DOROTEIA

Sim, viste o correspondente do nosso filho? falaste-lhe? Tu não disseste que trazias hoje notícias do nosso filho?

GEBO, *recordando-se e mentindo atrapalhadamente.*

Vi sim, vi! Tu também vens sempre com essas coisas de repente! Nem dás tempo à gente de pensar. Pois está claro que vi. Manda-te muitas saudades.

SOFIA

Aqui tem os chinelos.

DOROTEIA

E está bom?

GEBO

Está ótimo.

DOROTEIA

Tu de antes ainda conversavas, falavas até demais. Agora custa a arrancar-te as palavras da boca. Vou ver se o café está pronto e quero que me contes tudo por miudo (*Sat.*)

SOFIA

Pai, não se affija.

GEBO

Eu é que tenho a culpa, mas sou um esquecido. . . E devia lembrar-me, coitada. . . Se ela soubesse! se ela pudesse imaginar sequer! . . .

SOFIA

Teve notícias?

GEBO

Pior que notícias. (*Mais baixo.*) Pareceu-me vê-lo . . . isto não o sabe ela.

SOFIA

O João!

GEBO

Vi uma sombra na noite.

SOFIA

Se o vem a saber!

GEBO

Basta à pobre da velha o que tem sofrido. Mente, Gebo, engana-a, mente hoje, amanhã, sempre, passa a vida a mentir, mas que o não suspeite nunca. Nunca! Deixá-la viver os seus últimos dias feliz. Enganada, mas feliz. . . (*Acaricia-a.*) Tudo deixámos, quando fugimos para longe, mudando de terra para que não soubesse. . . (*Ouvindo passos.*) Schiu! Schiu! . . . (*Tosse, arranja os livros.*)

SOFIA

E sempre a dizer-lhe . . . sempre . . .

GEBO

Diz, diz . . . Sempre a mentir-lhe . . . E se tu soubesses o que me custa! . . . Isto, filha, é pior do que inventar um folhetim todas as noites. Já não sei o que hei-de dizer. Ora aguenta velho, aguenta . . . Que o não saiba nunca.

SOFIA

E o outro, viu-o? . . . Se ele vem por aí . . .

GEBO

Aqui? . . . Não vem. Se . . . Nem seria ele. Alguma sombra que desapareceu e mais nada . . .

SOFIA

Há oito anos . . .

GEBO

Um desgraçado . . . Filha, esquece-o. Uma vida monstruosa. Outra vida . . .

SOFIA

Outra vida? . . .

GEBO

Sim, uma vida de desgraça . . .

SOFIA

Diga . . .

GEBO, *abana a cabeça.*

Não vem, sossega. Já o vi outra vez . . .

SOFIA

E falou-lhe?

GEBO

Um dia, há muitos anos, numa rua longe — era à noite — senti que me puxavam para o escuro . . .

SOFIA

Era ele ?

GEBO, *olha para dentro e fala mais baixo.*

Não me falou. Só lhe vi os olhos. Mas não sei porquê, conheci-o logo. Talvez pelo contacto das mãos. Tinha as mãos geladas . . . Conheci-o logo e dei-lhe o dinheiro que levava. Não dissemos nada um ao outro. Mas eu compreendi-o melhor do que se falasse . . . Muitos anos desapareceu. Últimamente é que me sinto seguido e rodeado por uma sombra que nunca se aproxima de mim.

SOFIA

Uma sombra ? . . .

GEBO

Nem será ele . . . Se fosse ele ! Se ela sabe que o filho que criou ! . . .

SOFIA

Conte-me tudo . . .

GEBO, *apontando para dentro.*

Temos tempo de conversar. (*Suspira, põe os óculos e começa a escrever nos livros*). Não, vou antes copiar estes apontamentos para o *Diário*. Grande casa esta de exportação, Ramires & Ramires ! Ora vejam os senhores este balanço de agosto do corrente, dez contos setecentos e cinquenta mil reis. Já é bonito hein ? Ou isto, ou ser cobrador com vinte mil reis mensais e fazer escritas à noite para não morrer à fome. Acabou-se . . . Ora agora . . . agora . . . Ah . . . (*Pausa.*) Tu que dizes ?

SOFIA

Nada, cismo. Cismo na desgraça. Cismo no que será a outra vida que ele leva . . .